

Dinheiro novo poderá estar condicionado a acordo com FMI

por Paulo Sotero
de Washington

Com toda a probabilidade, os bancos comerciais voltarão a insistir num acordo formal entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI), caso o governo brasileiro lhes apresente um pedido de dinheiro novo.

De acordo com vários banqueiros ouvidos por este jornal, a rota de negociação sem o FMI, que estava traçada e fora em princípio aceita tanto pelos bancos quanto pelo Clube de Paris, baseava-se em boa medida no argumento usado pelas autoridades econômicas brasileiras de que o País estava com suas contas externas em ordem, com re-

servas altas e com a economia bem administrada e não deveria, portanto, ser tratado na vala comum dos países devedores.

"Se o governo está agora dizendo que vai precisar de dinheiro novo, é porque as contas externas se deterioraram. E, que isso aconteceu, não é segredo para ninguém. Se é este o caso, os argumentos usados antes para justificar a recusa do envolvimento do FMI devem valer, agora, para justificar um acordo", teorizou um banqueiro.

"Eu não vejo nenhuma chance de o Brasil obter dinheiro novo dos bancos sem um entendimento formal com a rua 19", afirmou um outro banqueiro, referindo-se ao endereço do

FMI, em Washington. Procurando enfatizar que, embora tenham sido colocados numa situação cada vez mais vulnerável pela crise da dívida, os bancos continuam em condições de adotar atitudes duras com os países devedores. A fonte lembrou que os bancos trataram o México com dureza e ainda não desembolsaram um único centavo dos US\$ 6 bilhões que concordaram em emprestar a esse país, no início de outubro.

Notando, contudo, que "o presidente Sarney já foi muito longe, publicamente, em sua recusa a assinar um acordo com o FMI", o banqueiro previu que as negociações deverão ser "extremamente difíceis".

A posição dos bancos só começará a amadurecer depois de eles escutarem o que o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, tem a lhes dizer, na semana que vem. Depois de dois dias de contatos em Washington, Bracher visitará, individualmente, em Nova York, os presidentes de vários bancos e, na tarde da quinta-feira, terá um encontro com os três executivos que presidem o comitê de bancos credores. Inevitavelmente, a atitude dos bancos será em grande parte orientada pela forma como os governos credores encaminharem o pedido de renegociação da dívida oficial brasileira, que será apresentado no próximo dia 19, em Paris.